

O PROTAGONISMO SOCIAL DAS PESSOAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO SUPERIOR: A MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO REALIZADA PELO COLETIVO AUTISTA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Adriana Teixeira Ferreira, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ),
<https://orcid.org/0000-0002-2036-6064>

Patrícia Mallmann, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), <https://orcid.org/0000-0001-8424-4448>

RESUMO

Considerando as ações de informação promovidas pelo Coletivo Autista da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAUFRJ), esta pesquisa objetiva compreender como a mediação da informação realizada pelo CAUFRJ contribui para o protagonismo social das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Superior e para a conscientização da comunidade acadêmica no combate ao capacitismo. Discorre sobre o acesso dessas pessoas ao Ensino Superior, os desafios que encontram nesse ambiente e a importância da informação para a conscientização da comunidade acadêmica sobre as demandas das pessoas com TEA que ali se encontram. Esta pesquisa se caracteriza como descritiva, documental, empírica e de abordagem mista. O questionário foi adotado como técnica de coleta de dados primários. Para esta pesquisa, três questionários foram elaborados, compostos com perguntas abertas e fechadas, que tiveram como públicos-alvo a diretoria do CAUFRJ, representada pela sua atual presidente, as pessoas com TEA ou em processo diagnóstico do CAUFRJ e a comunidade acadêmica da UFRJ. Dentre os principais resultados encontrados, ressaltamos as dificuldades que existem no ambiente acadêmico, apontadas pelos participantes do CAUFRJ que responderam o questionário, como sobrecarga, carga horária puxada, comunicação com os professores, trabalhos em grupo, interação, mudanças repentinas, questões sensoriais e pressão. Segundo os resultados, esses estudantes também são impactados na comunidade acadêmica pelo capacitismo, pela falta de informação da universidade sobre a comunidade autista e pela necessidade de melhorar o diálogo com a universidade. A mediação da informação realizada pelo CAUFRJ na UFRJ é feita através de posts informativos sobre o TEA no Instagram, por meio de textos escolhidos de acordo com o interesse geral das pessoas, bem como no atendimento das pessoas que procuram o Coletivo em razão das informações que são divulgadas. Ainda de acordo com os resultados obtidos, a comunidade acadêmica da UFRJ que participou da pesquisa, reconhece o protagonismo social do Coletivo. Esta pesquisa tem como conclusão que as ações de mediação da informação realizadas pelo CAUFRJ podem contribuir para o protagonismo social das pessoas com TEA no Ensino Superior, bem como para a apropriação da informação que é capaz de promover a conscientização nos indivíduos. No entanto, para que o CAUFRJ alcance todo seu potencial, ainda precisa melhorar a representação das pessoas com TEA na UFRJ, o que pode ser dificultado pelo fato de suas demandas serem pouco ouvidas pela universidade.

Palavras-Chave: Transtorno do Espectro Autista (TEA); Ensino Superior; Coletivo Autista da UFRJ (CAUFRJ); Mediação da Informação; Protagonismo Social.

EL PROTAGONISMO SOCIAL DE LAS PERSONAS CON TRASTORNO DEL ESPECTRO AUTISTA EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR: LA MEDIACIÓN DE LA INFORMACIÓN REALIZADA POR LA COLECCIÓN AUTISTA DE LA UNIVERSIDAD FEDERAL DE RIO DE JANEIRO

RESUMEN

Considerando las acciones de información promovidas por el Colectivo Autista de la Universidad Federal de Rio de Janeiro (CAUFRJ), esta investigación tiene como objetivo comprender cómo la mediación de información realizada por CAUFRJ contribuye para el protagonismo social de las personas con Trastorno del Espectro Autista (TEA) en Educación Superior y para la concientización de la comunidad académica en la lucha contra el capacitismo. El marco teórico discute el acceso de estas personas a la Educación Superior, los desafíos que encuentran en ese ambiente y la importancia de la información para la concientización de la comunidad académica sobre las demandas de las personas con TEA que allí se encuentran. Esta investigación se caracteriza por ser descriptiva, documental, empírica y con un enfoque mixto. El cuestionario fue adoptado como técnica primaria de recolección de datos. Para esta investigación, fueron elaborados tres cuestionarios, compuestos por preguntas abiertas y cerradas, que tuvieron como público objetivo el directorio de la CAUFRJ, representado por su actual presidente, personas con TEA o en proceso de diagnóstico de la CAUFRJ y la comunidad académica de la UFRJ. Entre los principales resultados encontrados, destacamos las dificultades que existen en el ambiente académico, señaladas por los participantes del CAUFRJ que respondieron el cuestionario, tales como sobrecarga, carga de trabajo prolongada, comunicación con los docentes, trabajo en grupo, interacción, cambios repentinos, problemas sensoriales y presión. Según los resultados, estos estudiantes también se ven impactados en la comunidad académica por el capacitismo, la falta de información de la universidad sobre la comunidad autista y la necesidad de mejorar el diálogo con la universidad. La mediación de información que realiza el CAUFRJ en la UFRJ se realiza a través de publicaciones informativas sobre TEA en Instagram, a través de textos elegidos de acuerdo con el interés general de las personas, así como al servicio de las personas que buscan el Colectivo por las informaciones que se divulgan. También de acuerdo con los resultados obtenidos, la comunidad académica de la UFRJ que participó de la investigación reconoce el protagonismo social del Colectivo. Esta investigación concluye que las acciones de mediación informativa realizadas por el CAUFRJ pueden contribuir al protagonismo social de las personas con TEA en la Educación Superior, así como a la apropiación de información que sea capaz de promover la conciencia en los individuos. Sin embargo, para que el CAUFRJ alcance todo su potencial, todavía necesita mejorar la representación de las personas con TEA en la UFRJ, lo que puede verse dificultado por el hecho de que sus demandas son poco escuchadas por la universidad.

Palabras-Clave: Trastorno del Espectro Autista (TEA); Enseñanza Superior; Colectivo de Autistas de la UFRJ (CAUFRJ); Mediación de la Información; Protagonismo Social.

THE SOCIAL PROTAGONISM OF PEOPLE WITH AUTIST SPECTRUM DISORDER IN HIGHER EDUCATION: THE MEDIATION OF INFORMATION PERFORMED BY THE AUTISTIC COLLECTIVE OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF RIO DE JANEIRO

ABSTRACT

Considering the information actions promoted by the Autistic Collective of the Federal University of Rio de Janeiro (CAUFRJ), this research aims to understand how the mediation of information carried out by CAUFRJ contributes to the social protagonism of people with autism spectrum disorder in Higher Education and for the awareness of the academic community in the fight against ableism. The theoretical framework discusses the access of these people to Higher Education, the challenges they encounter in this environment and the importance of information for the awareness of the academic community about the demands of people with autism spectrum disorder who are there. This research is characterized as descriptive, documentary, empirical and with a mixed approach. The questionnaire was adopted as the primary data collection technique. For this research, three publications were prepared, with open and current questions that had the CAUFRJ board as their target audience, chosen by the CAUFRJ board and the president's community, such as people with autism spectrum disorder

or the community in the academic diagnosis process of CAUFRJ. Among the main results, we found the difficulties that exist in the CAUFRJ environment, pointed out by the professors, such as overload, heavy workload, participants with communication, group work, interaction, sudden changes, sensory issues and pressure. According to the results, these students are also impacted in the academic community by ableism, the lack of information from the university about the autistic community and the need to improve the dialogue with the university. The mediation of information carried out by CAUFRJ at UFRJ is done through informative posts about autism spectrum disorder on Instagram, through texts chosen according to the general interest of people, as well as in the service of people who seek the Collective due to the information that are disclosed. Also according to the results obtained, the academic community of UFRJ that participated in the research recognizes the social protagonism of the Collective. This research concludes that the information mediation actions carried out by CAUFRJ can contribute to the social protagonism of people with autism spectrum disorder in Higher Education, as well as to the appropriation of information that is capable of promoting awareness in individuals. However, in order for the CAUFRJ to reach its full potential, it still needs to improve the representation of people with autism spectrum disorder at UFRJ, which can be hampered by the fact that their demands are little heard by the university.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Higher Education; UFRJ Autistic Collective (CAUFRJ); Information Mediation; Social Protagonism.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema o protagonismo social das pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Ensino Superior, como resultado da mediação da informação realizada pelo Coletivo Autista da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAUFRJ).

Para entendimento da temática abordada faz-se necessário compreender como se dá o acesso da(s) Pessoa(s) com Deficiência (PcD) no Ensino Superior, já que desde 2012, de acordo com a lei nº 12.764, se reconhece que “A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais.” (Brasil, 2012).

Ademais, é preciso conhecer algumas concepções que envolvem o TEA, assim como os desafios que as pessoas autistas precisam lidar ao longo de suas vidas, que podem impactar sua atuação e desempenho na universidade.

Na intenção de contribuir como suporte às pessoas com TEA no Ensino Superior e conscientizar a comunidade acadêmica sobre as demandas dos alunos autistas, surgiu em maio de 2021 o primeiro Coletivo Autista, fundado na

Universidade de São Paulo (USP). Logo a seguir, outros Coletivos Autistas foram criados em diversas universidades do país, inclusive na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), foco central deste trabalho.

O CAUFRJ tem buscado desenvolver seu protagonismo social através da mediação da informação. Por meio da apropriação da informação, acredita-se que suas ações possam contribuir para a conscientização da comunidade acadêmica a respeito da importância do combate aos preconceitos, sobretudo do capacitismo, promovendo uma postura mais crítica e ativa diante da realidade que os envolve.

Nesse contexto, o objetivo da pesquisa é compreender como a mediação da informação realizada pelo CAUFRJ contribui para o protagonismo social das pessoas com TEA no Ensino Superior e para a conscientização da comunidade acadêmica acerca do TEA. Mais especificamente, o foco deste artigo está nas atividades de mediação de informação realizadas pelo CAUFRJ e na percepção da

comunidade acadêmica a respeito do TEA e das atividades do Coletivo.

Esta pesquisa se justifica pelo fato das experiências acerca dos Coletivos Autistas ainda não terem sido muito exploradas, tendo em vista sua recente criação. Também se justifica

pela contribuição no campo de estudo das PcD, principalmente das pessoas com TEA no Ensino Superior, bem como pela necessidade de promover as ações de mediação da informação que estão sendo desenvolvidas pelos Coletivos Autistas, sobretudo pelo CAUFRJ.

2 O ACESSO E A PERMANÊNCIA DA PESSOA COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NA UNIVERSIDADE

Desde 27 de dezembro de 2012, de acordo com a lei nº 12.764 em seu artigo 1º, § 2º, que instituiu a “Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista”, se reconhece que “A pessoa com transtorno do espectro autista é considerada pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais” (Brasil, 2012).

Nessa vertente, o acesso da PcD à universidade tem sido um assunto muito discutido nos últimos anos. Tais discussões são estimuladas pelas diversas legislações vigentes sobre o tema, que asseguram direitos à PcD, muitas delas discorrem sobre a garantia ao acesso à educação.

Nessa perspectiva, salientamos a lei nº 13.146/2015, que instituiu a “Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)”, pois foi um expressivo instrumento para garantia de direitos, assim como a Lei nº 13.409/2016, que alterou a lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei das Cotas, com a finalidade de incluir em seu escopo as PcD.

Além das legislações, decretos e documentos que garantem o direito das PCD à educação, a discussão também é motivada pela crescente preocupação das universidades com a questão da acessibilidade e inclusão dessas pessoas no Ensino Superior.

Souza *et al.* (2016, p. 2) concordam que a legislação nacional, acordos e documentos internacionais, decretos, pareceres “[...] vêm estabelecendo a premissa da inclusão, gerando essas mudanças no tratamento da questão e

trazendo possibilidades e desafios quanto à educação das pessoas com deficiência.”

No entanto, apesar do expressivo aumento das discussões sobre a necessidade de ações que garantam o acesso e a permanência dessas pessoas na universidade, Capelli *et al.* (2021, não paginado) salientam que ainda é preciso:

[...] a ampliação de debates e de movimentos em prol das pessoas com deficiência, uma vez que na realidade atual se verifica grande evasão desse público nas universidades, além de importantes lacunas no âmbito das políticas públicas, permitindo a existência de barreiras atitudinais, pedagógicas, sociais, linguísticas, dentre outras, que trazem como consequência, dentre outras, a evasão escolar do estudante com deficiência.

Nessa vertente, a necessidade de ampliação desse debate se confirma nos dados obtidos em 2019 pelo Censo da Educação Superior realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP, 2019), que apurou que o Brasil possui o total de 8.603.824 alunos matriculados em cursos de graduação (nas modalidades presencial e Ensino a Distância – EaD) e que em 2019, 50.683 matrículas de graduação, ou 0,6% do total, foram declaradas com registro de deficiência, transtorno global do desenvolvimento ou altas habilidades/superdotação (INEP, 2019, p. 32).

A apuração ainda indica que destes 50.683 registros de matrículas de alunos que ingressam ao ensino superior e apresentam

alguma deficiência, somente 1.501 correspondem ao diagnóstico de Autismo (917) ou Síndrome de Asperger¹ (584) (INEP, 2019, p. 39).

Revela-se, desse modo, que o ingresso das PcD no Ensino Superior ainda é ínfimo, principalmente se compararmos com as informações do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, que apontaram 45.606.048 milhões de pessoas que declararam ter pelo menos uma das deficiências investigadas, correspondendo a 23,9% da população brasileira à época (foram investigadas as deficiências visual, auditiva, motora e mental ou intelectual). O censo também destacou a baixa escolaridade dessas pessoas (IBGE, 2010).

Nesse contexto, ações inclusivas que promovam e incentivem o acesso das PcD ao Ensino Superior são de extrema importância. Para Almeida e Barreto (2014, pp. 51-52):

[...] a inclusão caracteriza-se por um processo pelo qual a sociedade se adapta para incluir e integrar, no meio social, pessoas consideradas “diferentes”, a fim de que assumam papéis até então não concedidos a elas, sem que sofram preconceitos. [...] a inclusão garante a todos o acesso contínuo ao espaço comum da vida em sociedade, sociedade essa, que deve estar orientada por relações de acolhimento à diversidade humana.

Já a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2005, p.9) define a inclusão como “[...] uma forma dinâmica de responder positivamente à diversidade dos alunos e de olhar para as diferenças individuais não como problemas, mas como oportunidades para enriquecer a aprendizagem.”

Para Alvarenga (2016, p. 44), as ações inclusivas são fundamentais para o acesso das PcD à universidade, pois “[...] sinalizam uma

mudança de postura social e educativa. Com a elaboração de políticas inclusivas, as instituições de ensino, viabilizam condições de acesso, participação e permanência dos estudantes com deficiência e/ou NEE [Necessidades Educativas Especiais].”

Segundo o autor, “[...] o processo inclusivo tem como proposta o acesso, a participação e a permanência de todas as pessoas nos espaços sociais e educativos.” (Alvarenga, 2016, p. 48).

Destarte, para que a inclusão ocorra de forma efetiva é preciso ressaltar a importância das políticas de acessibilidade dentro da universidade. Cabe dizer que por muito tempo a acessibilidade foi relacionada somente às questões arquitetônicas. Contudo, atualmente, já existe uma compreensão mais abrangente desse assunto, pois essas barreiras também podem ser referentes aos transportes, às comunicações, à informação, urbanísticas, bem como atitudinais e tecnológicas.

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) define o termo acessibilidade em sua norma ABNT NBR 9050 (2020, p. 2) como:

Possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para utilização, com segurança e autonomia, de espaços, mobiliários, equipamentos urbanos, edificações, transportes, informação e comunicação, inclusive seus sistemas e tecnologias, bem como outros serviços e instalações abertos ao público, de uso público ou privado, de uso coletivo, tanto na zona urbana como na rural, por pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida.

Dessa maneira, já se entende que a acessibilidade deve existir para “[...] promover a remoção de quaisquer barreiras que impeçam as pessoas com deficiência de participarem de atividades do cotidiano [...]” (Silva, 2016, p. 52).

2.1 Pessoas com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Superior

De acordo com a 11ª revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID-11) da Organização Mundial da Saúde (OMS), que entrou em vigor em janeiro de 2022, a descrição do TEA é apresentada da seguinte maneira:

O transtorno do espectro do autismo é caracterizado por déficits persistentes na capacidade de iniciar e manter interação social recíproca e comunicação social, e por uma gama de padrões restritos, repetitivos e inflexíveis de comportamento, interesses ou atividades que são claramente atípicos ou excessivos para o indivíduo idade e contexto sociocultural. (World Health Organization, 2021).

É importante ressaltar que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana (DSM-V) avalia a gravidade do transtorno de acordo com o nível de apoio/ suporte que o indivíduo necessita, classificando-o do nível 1 (necessita de menos suporte) ao nível 3 (precisa de muito suporte). Nesse sentido, independentemente do nível de suporte da pessoa com TEA, o apoio é sempre necessário.

Silva *et al.* (2020) destacam o perfil dos estudantes com TEA no Ensino Superior ao analisarem os dados obtidos pelo Censo de Educação Superior do INEP, referente ao ano de 2016, revelando que a idade de ingresso dos alunos autistas nas universidades ocorre de forma mais tardia que a dos neurotípicos², que o número de matrículas dos alunos do sexo masculino é superior ao do sexo feminino, que a etnia/ raça é predominantemente branca e que a maior parte dessas matrículas se encontram na região Nordeste do Brasil.

Dentre os principais desafios psicossociais vivenciados por universitários com TEA apurados por Pinto, Maciel, Silva e Silva

(2021, p. 7) estão: ansiedade, depressão, medo, baixa autoestima, dificuldade de interação, assédio moral, estigmas sociais e sofrimento mental. Sobre esses desafios, Aguilar e Rauli, Olivati e Leite, Anderson e Butt, Sarrett (citados por Pinto *et al.*, 2021, p. 8), dizem que:

[...] é notório que esses indivíduos ainda enfrentam desafios, como dificuldades em adaptações didático pedagógicas, insatisfação com as adaptações acadêmicas voltadas para a inclusão, dificuldade dos professores em compreenderem as singularidades apresentadas pelos estudantes com TEA, além da vivência de uma educação excludente, uma vez que não são ofertados serviços e auxílios como bolsas, exclusivamente para essas pessoas, além da ausência de preparo tanto dos professores como alunos para conviver com as limitações apresentadas por esses indivíduos.

Nesse escopo, segundo Oliveira *et al.* (2020, pp. 170-171), a ausência de acessibilidade no Ensino Superior acaba por implicar na evasão dos estudantes, salvo aqueles que persistem às adversidades encontradas, trilhando um penoso caminho na universidade. Segundo as autoras, “isto tem gerado um processo de inclusão precário ou uma ‘inclusão excludente’” (Oliveira *et al.*, 2020, p. 172).

Portanto, apesar dos progressos feitos para inclusão de pessoas com TEA no Ensino Superior, ainda existem grandes desafios a serem superados. Nesse sentido, cabe às instituições educativas o comprometimento com ações que promovam a inclusão, se corresponsabilizando pelo processo de sucesso escolar do estudante autista (Pinto *et al.*, 2021, p. 8).

3 O PROTAGONISMO SOCIAL COMO RESULTADO DA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Para Perroti (2017, p. 15), “[...] protagonistas assumem a luta pela construção, pela criação, como atitude face ao mundo. Lutar, mais que enfrentamento ‘contra’, é modo de ser e de estar, de produzir e cuidar de um

mundo comum, habitável e convivial.” É nessa mesma perspectiva que Gomes (2017, pp. 27-28) ressalta que o protagonismo social é o caminho capaz de assegurar o espaço de alteridade, crítica, dialogicidade e criatividade,

e aqueles que têm por objeto de trabalho a informação, também acabam por desempenhar um papel protagonista.

Gomes (2019, p. 15) aponta que a informação possui caráter alteritário, pois é no encontro com o outro que a informação é produzida, organizada, utilizada e apropriada, e que o processo interacionista implica várias ações de mediação, inclusive a mediação da informação. A autora destaca o importante papel da mediação da informação ao afirmar que:

O trabalho consciente com a informação coloca o protagonismo social e a mediação na centralidade deste fazer. A consciência de que o trabalho informacional de preservação da memória social; do desenvolvimento das atividades de

acesso e uso da informação; de construção do espaço dialógico; crítico e criativo, promotores do processo de apropriação da informação, evidencia o protagonismo como meta central do trabalho com a informação, assim como a mediação da informação e suas dimensões como fundamentos que sustentam a efetividade deste fazer humano no que tange a sua responsabilidade social. (Gomes, 2019, p. 19).

Dessa forma, há clara relação entre protagonismo e mediação da informação, na qual a mediação consciente favorece o desenvolvimento do protagonismo e que a principal responsabilidade social do trabalho com a informação consiste em apoiar esse desenvolvimento (Gomes, 2019, p. 10).

3.1 A Importância da Mediação da Informação e do Protagonismo Social no Combate ao Capacitismo

Capacitismo é a expressão utilizada que define o preconceito com relação às PcD, pois pressupõe que essas pessoas possuem todas as suas capacidades limitadas, tornando-as incapazes (Marchesan & Carpenedo, 2021, p. 45).

A expressão tem sido usada como tradução da palavra inglesa *ableism*, que expressa a discriminação por motivo de deficiência (Mello, 2016, p. 3267). Dias (2013, p. 2) corrobora esse entendimento ao indicar que “[...] capacitismo é a concepção presente no social que lê as pessoas com deficiência como não iguais, menos aptas ou não capazes para gerir as próprias vidas.”

Segundo Campbell (2001, citado em Mello, 2016, p. 3272), “[...] o capacitismo está para as pessoas com deficiência, assim como o racismo está para os negros e o sexismo para as mulheres [...]”. A autora propõe que o termo seja cada vez mais incorporado às discussões na sociedade, nas produções científicas, nos movimentos sociais e nas políticas públicas a

fim de provocar a reflexão e reduzir os discursos capacitistas (Mello, 2016, p. 3274).

Dessa forma, a disseminação da informação tem papel importante na mudança do comportamento capacitista. Santos *et al.* (2019, p.131) indicam que tanto a falta de informação como a disseminação de informações errôneas, estimulam a ignorância, o preconceito, a aversão e a negação do que é diferente.

Segundo Araújo (1989, citado em Araújo, 1995), a informação tem a capacidade de mudar culturalmente as pessoas e a sociedade de forma geral, pois é a mais poderosa força de transformação do ser humano. Esse poder tem capacidade ilimitada, principalmente quando aliado aos modernos meios de comunicação de massa.

Diante disso, a Ciência da Informação (CI), que foi conceituada por Borko (1968, p. 3) como “[...] a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo,

e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso.”, precisa voltar-se para a sociedade, e principalmente para as minorias sociais, que precisam do apoio da CI para sua inclusão e para o efetivo exercício da cidadania, pois essa ciência pode estabelecer-se como norteadora de ações que combatam o preconceito contra grupos marginalizados, bem como a desinformação que tanto os assolam (Santos *et al.*, 2019, p. 139).

Gomes (2017, p. 42) destaca a informação como conhecimento em estado de compartilhamento e afirma que a informação pode mover a tomada de posição e, com isso, acarretar ações que promovam as transformações que se almejam (Gomes, 2019, p. 15).

Nessa vertente, pode-se inferir que o conhecimento “[...] recebe interferências várias [...] e o resultado é um entrelaçamento de significados [...] A cada situação pela qual a informação passa ela recebe significados e interfere nos sujeitos presentes naquele momento.” (Almeida Júnior & Santos, 2019, p. 98). Dessa maneira, os autores compreendem que:

É a informação que tira o sujeito da passividade, que quebra as certezas. E faz isso porque ela gera conflitos. A cada momento em que nos defrontamos com o novo, com o desconhecido, somos levados a nos reconstruir em relação ao nosso conhecimento – que aparentemente estava equilibrado e respondia às nossas inquietações. O conflito exige tomada de posição, exige resposta às arguições do mundo, exige uma outra forma de ver e explicar o mundo. (Almeida Júnior & Santos, 2019, p. 101).

Segundo Almeida Júnior (2008, citado em Gomes, 2019, p.11), a mediação da informação pode também ser entendida como uma ação de interferência e pode se apresentar como uma “[...] ação central que coloca a informação em favor do desenvolvimento do protagonismo.” É por meio do uso crítico da

informação que agimos como protagonistas na construção do conhecimento e a criticidade colabora na construção do empoderamento (Almeida Júnior & Santos, 2019, p. 103).

Nesse escopo, Gomes (2019, p. 11) percebe a conexão entre protagonismo e informação e ressalta a importância do protagonismo na ação mediadora esclarecendo que o protagonismo é social, ou seja, é uma postura e “[...] representa, em sua essência, uma ação de resistência contra a opressão, discriminação, apartheid social, rejeição, desrespeito e negação ao diferente [...]”. Nesse sentido, para a autora, o desenvolvimento do protagonismo tem apoio na mediação da informação (Gomes, 2019, p. 12).

Gomes (2019, p. 15) ressalta que o protagonismo se evidencia na tomada de posição em prol do bem coletivo, assumindo conduta reativa a qualquer obstáculo que ameace os interesses do grupo. O agir, portanto, é elemento mobilizador da transformação. A informação, nesse contexto, caracteriza-se como produto gerado pela ação mobilizadora da comunicação por permitir o acesso ao conhecimento e podendo impulsionar outras ações comunicativas as quais poderão gerar novos conhecimentos.

A mediação da informação é dependente das ações de comunicação. Nesse aspecto, a autora destaca a dimensão dialógica da mediação ao afirmar que:

[...] a partir do processo dialógico ocorre o encontro, a manifestação e a interlocução entre diferentes sujeitos sociais. No exercício consciente da mediação da informação, o processo dialógico favorecerá o exercício da crítica e a observação mais intensa e precisa das incompletudes e lacunas dos conhecimentos instituídos e estabilizados [...]. (Gomes, 2019, p. 16).

Para Paulo Freire (2020, p. 96), “[...] a educação é uma forma de intervenção no mundo.” e ao falar sobre a importância do processo dialógico ressaltou que “[...] agora

ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens [as pessoas] se educam em comunhão,

mediatizados pelo mundo.” (Freire, 2019, p. 96).

3.2 A Apropriação da Informação

A apropriação, segundo Lalande (1996, p. 83), é o processo “[...] pelo qual nos apoderamos, para dele fazer nossa propriedade individual, do que não pertence a ninguém ou a toda gente.” Pieruccini (2007) salienta que apropriação significa a transformação de algo comum em algo único. Gomes (2018, p. 16) revela que “A apropriação da informação é sustentáculo do processo de conscientização [...]” e para Barreto (2002, p. 49) a informação, quando assimilada, é “[...] um instrumento modificador da consciência do indivíduo e de seu grupo social.”

Nessa perspectiva, ao se apropriar da informação, “[...] o usuário assume um papel atuante na sociedade, já não é passivo aos fenômenos sociais, mas participante, crítico e modificador das circunstâncias que o contornam.” (Santos *et al.*, 2014, p. 39).

De acordo com Almeida Júnior *et al.* (2015, não paginado), a mediação da informação e a competência em informação são processos que se preocupam com a questão da

apropriação da informação pelo mediado, pois entendem que o mediado é capaz de se apropriar da informação para a construção e transformação de seu conhecimento, compreendendo o usuário como agente participativo e transformador de seu contexto. Sobre a apropriação da informação, os autores ainda afirmam que “A apropriação da informação desenvolve o pensamento crítico na pessoa, na medida em que a informação é desconstruída para construir referenciais que permitam explicar fenômenos e resolver problemas por meio de questionamentos.” (Almeida Júnior *et al.*, 2015, não paginado).

Portanto, a mediação da informação e a competência em informação como ações de interferência que são, preocupam-se com o que o mediado fará da informação apropriada, já que quando apropriadas, as pessoas que sofrem essa ação agem a partir dos novos conhecimentos adquiridos, confrontando antigas opiniões, crenças e valores (Almeida Júnior *et al.*, 2015, não paginado).

3.3 A Conscientização Proveniente da Apropriação da Informação

O conteúdo informacional produzido pelo CAUFRJ, como podemos observar, possui clara intenção de conscientizar a comunidade acadêmica sobre a neurodiversidade³. Sobre a importância da conscientização, Agostini (2018, p. 189) revela que:

Na origem da conscientização, encontramos experiências baseadas em práticas que, alimentadas por um processo de ação-reflexão, foram superando a forma ingênua e/ou espontânea de captação da realidade. Nelas, percebemos que o ser humano desdobra a capacidade de desvelar a realidade, de penetrar em sua essência, numa ação-reflexão

reveladora do modo próprio de ser do humano; este se define por uma inserção crítica na história, assumindo o papel de sujeito capaz de transformar o mundo.

De acordo com Paulo Freire (2021, p. 285), “A pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel nela. Recusa a acomodar-se, mobiliza-se, organiza-se para mudar o mundo.” Freire diferencia a tomada de consciência da conscientização. Para ele, a primeira diz respeito a se dar conta da existência de algo, já a conscientização é o aprofundamento da tomada de consciência, caracterizando sujeitos

mais críticos, capazes de realizar a leitura do contexto no qual estão envolvidos. Para o autor, a conscientização põe em discussão o *status quo* (Freire, 2019, p. 33). A conscientização, nesse contexto, seria um instrumento de libertação e um ato político (Freire, 2019).

Desta feita, a informação é um “[...] elemento de conscientização que pode romper com preconceitos e desigualdades, propiciando espaços de pluralidade na produção de novos

conhecimentos [...]” (Santos et al., 2017, p. 122).

Nesse sentido, embora difícil, podemos pensar em uma sociedade livre das barreiras atitudinais e do capacitismo. No entanto, para que isso aconteça de fato é necessário estimular práticas que sensibilizem e conscientizem as pessoas a lidarem com a diferença e com o desconhecido (Mello & Cabistani, 2019, p. 136).

4 A FORÇA DOS COLETIVOS UNIVERSITÁRIOS NA REPRESENTATIVIDADE DE GRUPOS DESFAVORECIDOS

De acordo com Perez (2019, p. 587), “A nomenclatura ‘coletivo’ não é nova. Tampouco o são as organizações que se intitulam dessa maneira. [...] a maior parte deles foi criada entre os anos de 2012 e 2016 [...]”.

A autora relaciona o aumento do número de coletivos com o maior acesso das pessoas à internet, com as ocupações estudantis que ocorreram em 2016 em escolas e universidades e com as Jornadas de Junho de 2013.

Sobre as Jornadas de Junho, cabe esclarecer que dizem respeito ao movimento ocorrido no Brasil em 2013 que, a priori, protestou contra o aumento das passagens de ônibus, mas logo a seguir foram incorporadas muitas outras demandas às insatisfações populares, tanto sociais quanto políticas (Perez, 2019, p. 578).

Para Medeiros *et al.* (2017, p. 168), os coletivos universitários se mobilizam, principalmente, por meio virtual, através das redes sociais. Segundo os autores “[...] os coletivos são entendidos como uma possibilidade de proporcionar a participação estudantil universitária [...] e podem avançar a outras instâncias da comunidade acadêmica”.

Sobre a importância dos coletivos no meio social, principalmente em questões que perpassam pela afirmação identitária e pelo reconhecimento, Perez e Silva Filho (2018, p. 290) afirmam que “O surgimento de novos

meios de luta e comportamentos de contestação peculiares tem pautado a tônica do que hoje é a discussão sobre os novos ou mesmo os novíssimos movimentos sociais.”

Nessa mesma perspectiva, os coletivos pertencentes à UFRJ representam a luta por várias demandas sociais como, por exemplo, o Coletivo de Mães da UFRJ, o Coletivo Trans Gisberta Salce, o Coletivo de Docentes Negras (os) da UFRJ, o Coletivo de Mulheres Elisa Frota-Pessôa, dentre tantos outros.

Segundo Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2021), representatividade é a “Qualidade reconhecida a uma pessoa, a um grupo, a uma entidade ou a um organismo, mandatado oficialmente por um grupo de pessoas para defender ou representar os seus interesses ou exprimir-se em seu nome”.

Silva e Silva (2019, p. 43) discorrem sobre a importância da representação e do lugar de fala na ação política ao discorrer sobre um coletivo de mulheres negras ao afirmarem que:

Ser representado, em um sentido amplo, é ser visível. É ter existência. Pensar na representação de um segmento é, assim, pensar em diferentes camadas ou dimensões de ser e de estar. Aquele que não é representado é, nesse sentido, invisibilizado [...] Em sua constituição subjetiva, o sujeito não representado é aquele que tem dificuldade em se

reconhecer naquele outro posto como padrão, a partir do qual as demais existências serão avaliadas e hierarquizadas.

Entretanto, para Andrade (2020, não paginado), a representatividade é mais do que ser representado, ou seja, mais do que ser visto, pois “A representatividade tem como fator a construção de subjetividade e identidade dos grupos e indivíduos que integram esse grupo.”

Dessa forma, a representatividade é um movimento identitário que busca não somente a representação dos interesses das minorias

sociais no espaço público, mas é parte da formação do que é o indivíduo que compõe esse grupo e sua luta por reconhecimento e reparação das discriminações que sofreu ao longo da história.

Nesse sentido, o Coletivo Autista da Universidade de São Paulo (USP) – CAUSP – criado em maio de 2021, é considerado como o primeiro coletivo autista universitário do Brasil. A partir da criação do CAUSP, diversos coletivos autistas foram criados, sobretudo em universidades federais e estaduais do país, no segundo semestre de 2021, dentre eles o Coletivo Autista da UFRJ (CAUFRJ), fundado em julho de 2021.

5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Trata-se de pesquisa com abordagem quanti-qualitativa, empírica e de caráter descritivo. Os dados foram coletados de forma documental, através do Instagram do Coletivo (<https://www.instagram.com/coletivoautistaufri/>), assim como através de questionários elaborados na plataforma *Google Forms*. O universo da pesquisa foi composto por três grupos: a) diretoria do CAUFRJ; b) pessoas com TEA ou em processo de diagnóstico membros do CAUFRJ; c) comunidade acadêmica da UFRJ⁴ (docentes, discentes e técnicos-administrativos). Para cada grupo foi elaborado um questionário específico, com perguntas fechadas e abertas; exceto para a diretoria do Coletivo, caso em que foram feitas apenas perguntas abertas. Os dados foram coletados de maio a julho de 2022.

Conforme informações fornecidas pela presidente do CAUFRJ, em maio de 2022, o Coletivo era formado por três comunidades: uma de colaboradores (28 pessoas, das quais 20 estão cursando algum curso na UFRJ), uma de pessoas com TEA ou em processo de diagnóstico (45 pessoas, sendo que alguns desses também fazem parte do grupo de colaboradores) e uma de mães, pais e

cuidadores (12 pessoas). Os colaboradores são internos e externos à universidade, não sendo restrito somente às pessoas com TEA.

O questionário destinado às pessoas com TEA foi respondido por 1/3 do universo, ou seja, 15 pessoas, tornando possível uma visão geral a respeito da percepção dessa população acerca da sua vivência na universidade, complementada pelas informações fornecidas pela diretoria do CAUFRJ. O questionário dirigido à comunidade acadêmica foi distribuído em grupos de WhatsApp, mídias sociais e e-mail, buscando alcançar o máximo de pessoas de diferentes unidades e centros acadêmicos da UFRJ. No entanto, não era objetivo desta pesquisa atingir uma amostra representativa dessa população, mas sim buscar indícios exploratórios sobre sua visão a respeito do TEA e do CAUFRJ. O questionário foi respondido por 192 pessoas (23 docentes, 56 técnicos-administrativos, 111 estudantes de graduação e 2 estudantes de pós-graduação).

A análise dos dados quantitativos foi realizada com base em estatística descritiva e dos dados qualitativos, a partir de categorizações seguindo preceitos da análise de conteúdo (Bardin, 2011).

6 RESULTADOS

O ingresso na Universidade pode apresentar desafios extras para estudantes com TEA, reforçando a necessidade de acolhimento e informação, tanto para estudantes com essa condição como para a comunidade acadêmica sob as características dessa condição. Sobre a percepção que os estudantes com TEA que participaram da pesquisa tiveram ao ingressar na Universidade e como foram recebidos pela comunidade acadêmica, a maioria destacou a falta de acessibilidade e o sentimento de exclusão.

Dentre as principais dificuldades apontadas no dia a dia do Ensino Superior apareceram: carga horária puxada, comunicação com os professores, trabalhos em grupo, interação com os colegas, mudanças repentinas, questões sensoriais e pressão. A presidente do CAUFRJ também falou sobre as principais dificuldades de estudantes com TEA no Ensino Superior, salientando que:

Em um mapeamento realizado recentemente, constatamos que as dificuldades mais relatadas foram: dificuldade de concentração em aulas teóricas, trabalhos/ dinâmicas em grupo, imprevisibilidade, *bullying*, falta de clareza na comunicação por parte de docentes, comunicação com pares, comunicação com professores, inflexibilidade por parte de docentes, falta de apoio em momentos de crise, barulho e deslocamento até a universidade.

Como foi mencionado, o CAUFRJ tem no Instagram sua principal forma de comunicação, tanto com a comunidade acadêmica, como com a sociedade em geral. Possui 3.339 seguidores nessa rede social (em 28 de outubro 2022). Possui mais de 100 publicações exibidas em *posts*, dosando informação em textos curtos que remetem às dificuldades vividas pelos autistas.

O primeiro *post*, em 01 de julho de 2021, revela a razão que motivou sua criação:

[...] o intuito principal do coletivo é fazer com que estudantes com TEA consigam não somente ingressar nas universidades, mas permanecer nelas, visto que existem muitas barreiras que os impedem de continuar. (Coletivo Autista da UFRJ, 2021-).

Segundo a presidente do CAUFRJ, o principal objetivo do Coletivo é: “[...] oferecer um ambiente de acolhimento para os estudantes com TEA, além de incentivar a interação entre estes estudantes”. Além disso, o Coletivo procura estabelecer diálogo com instâncias competentes da UFRJ, a fim de contribuir na melhoria das condições de ingresso e permanência dos estudantes com TEA. Outra esfera de atuação do CAUFRJ é no combate a atitudes capacitistas, por meio da mediação de informações a respeito do TEA; a presidente do CAUFRJ afirma que, com isso: “[...] esperamos que a comunidade [acadêmica] respeite as necessidades das pessoas com TEA e seja mais acolhedora diante da neurodiversidade”.

Percebe-se que o CAUFRJ tem se dedicado a buscar desenvolver na comunidade acadêmica uma conscientização a respeito do TEA, utilizando a informação como ferramenta de transformação. As duas principais formas com que essa informação é mediada são através de postagens no Instagram e pela participação em eventos e palestras sobre TEA, especificamente, e sobre PcD, em geral.

De acordo com a presidente do CAUFRJ, o Coletivo tem desenvolvido ações e atividades para alcançar seus objetivos, assim como tem elaborado projetos para ações futuras. Sobre isso ela salientou que:

[...] temos participado na organização de eventos sobre o tema e temos estabelecido parcerias com organizações e docentes que atuam nesta área. Ainda, estamos em constante contato com a universidade para garantir que nossos direitos sejam cumpridos e para sugerir

melhorias. Temos uma parceria com o Coletivo Autista da Unicamp e estamos buscando realizar ainda mais parcerias. No futuro, [...] pretendemos aumentar a frequência de nossos encontros com a comunidade do CAUFRJ, além de dar continuidade às nossas atividades anteriores. Temos interesse em realizar atividades presenciais, mas ainda precisamos estruturá-las.

Em relação às postagens no Instagram, considera-se que a informação é mediada pelo Coletivo, e não apenas disseminada, pelo fato de que cada postagem é pensada de forma que dialogue com a comunidade acadêmica, sendo elaboradas com base nas vivências e experiências das pessoas com TEA nesse ambiente. Sobre a definição das temáticas e redação dos *posts*, a presidente do CAUFRJ esclarece que:

O CAUFRJ tem investido bastante na produção de conteúdo para nossas mídias sociais, a fim de disseminar informações em linguagem acessível e de forma gratuita acerca do TEA. Geralmente, um de nossos diretores é responsável pela seleção de temas que virão a ser escritos pelos nossos colaboradores. Após a entrega dos textos, todo o material é revisado a fim de evitar qualquer tipo de inconsistência ou informação falsa. Os temas destes textos são escolhidos de acordo com o interesse geral das pessoas. Atualmente, publicamos um texto por semana. O CAUFRJ tem planos de expandir a informação produzida para outras redes sociais ou

outras ferramentas/ veículos de informação. Temos projetos para produzir conteúdo em áudio em formato de podcast.

Questionada sobre a existência de alguma métrica/ contabilização dos resultados das publicações, ela respondeu que sim, que o CAUFRJ considerava fatores como número de curtidas, comentários, salvamentos e compartilhamentos. Ela ainda afirmou que é bem frequente que pessoas da comunidade da UFRJ procurem o CAUFRJ através das mídias sociais, tanto autistas quanto cuidadores, buscando auxílio ou suporte como resultado das informações publicadas sobre o autismo. Nesses casos, segundo ela, “[...] geralmente verificamos se há algo que podemos fazer pela pessoa e, se sim, tomamos as medidas.” Dessa forma, entendemos que a mediação da informação se estende após as postagens.

Sobre as principais dificuldades enfrentadas pelo CAUFRJ, no momento sua presidente destacou:

[...] estamos enfrentando dificuldades para promover a interação entre os membros da nossa comunidade. Também enfrentamos alguns desafios no diálogo com a universidade, pois na maioria das vezes é difícil assegurar que os estudantes com TEA tenham todas as adaptações necessárias.

Salienta-se que a coleta de dados foi realizada em um período em que a UFRJ estava iniciando a volta às atividades presenciais, após a fase mais intensa da pandemia de covid-19.

6.1 Mediação da Informação Realizada pelo CAUFRJ Através das Postagens no Instagram

Sobre a mediação da informação via postagens no Instagram, são apresentadas quatro temáticas abordadas, que são sensíveis às pessoas com TEA; são elas: a) importância do diagnóstico e dificuldades para obtê-lo; b) informações sobre TEA, principais comorbidades associadas e legislação; c) dificuldades enfrentadas pelas pessoas com TEA

na Universidade; d) capacitismo e formas de combatê-lo.

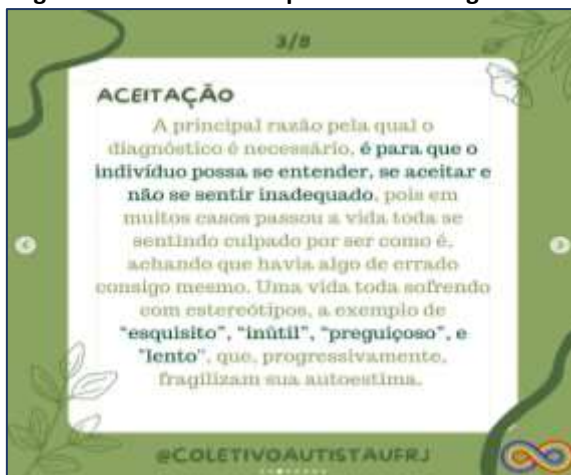
A questão dos entraves para se obter o diagnóstico de TEA no Brasil, é abordada pelo CAUFRJ através do *post*:

[...] um dos principais fatores que implicam esse atraso no diagnóstico é

o despreparo de alguns profissionais, que, em muitos casos, perpetuam atitudes capacitistas, e, se pautando em estereótipos, acabam por não garantir um atendimento apropriado ao indivíduo. Além disso, o acesso a profissionais especializados é de alto custo para boa parte da população, o que traz uma questão socioeconômica como barreira para o diagnóstico. [...] Outro fator para essa dificuldade é o desconhecimento da população sobre o espectro autista. [...] Com mais informações sobre o espectro, pais e familiares conseguem detectá-los com mais facilidade, e, com isso, podem prosseguir em sua busca pelo diagnóstico de forma mais adequada. Portanto, a divulgação de informações e de campanhas de conscientização sobre TEA são elementos de extrema importância para o crescimento do acesso a diagnósticos.

Com relação à importância do diagnóstico, ainda que tardio, o CAUFRJ indica, através de *post*, que o diagnóstico é libertador não somente pelo autoconhecimento e identificação, mas também para que as comorbidades, que muitas vezes estão associadas ao quadro de TEA, sejam adequadamente tratadas. A figura 1 demonstra uma parte do *post* informativo.

Figura 1: *Post* sobre a importância do diagnóstico



Fonte: Coletivo Autista da UFRJ (2021-)

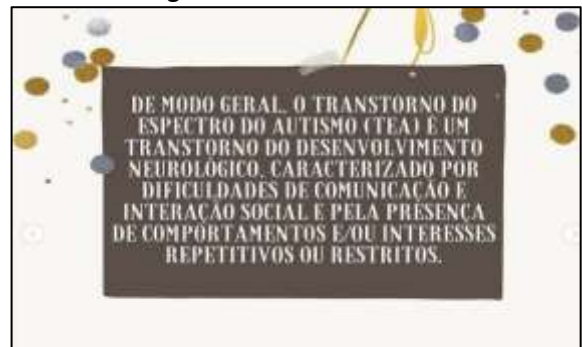
Percebe-se a importância do diagnóstico para a melhoria da qualidade de

vida das pessoas com TEA, tanto por ajudá-las com a autoaceitação como por facilitar a busca por formas de lidar com as dificuldades.

Dentre os participantes da pesquisa com TEA, os diagnósticos foram obtidos na adolescência e vida adulta, com idades entre 15 e 56 anos, sendo que uma participante com 38 anos estava em processo final de diagnóstico, o que reforça as dificuldades em obtê-lo.

O CAUFRJ também investe em esclarecer para a comunidade o que é TEA e o que significa estar dentro do espectro autista, conforme indicado na Figura 2, em um dos seus *posts* informativos.

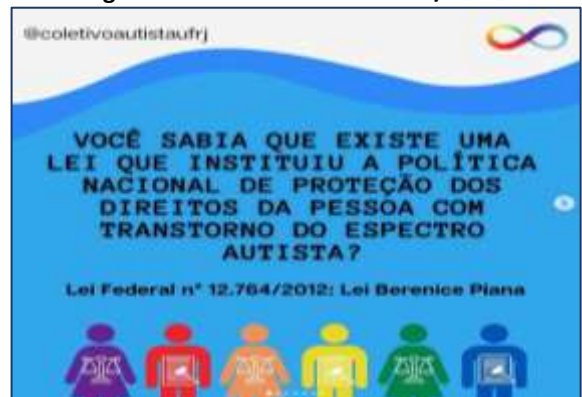
Figura 2: *Post* sobre o TEA



Fonte: Coletivo Autista da UFRJ (2021-)

Também há *post* de esclarecimento sobre a legislação que institui o TEA como deficiência, conforme representa a Figura 3.

Figura 3: *Post* sobre a lei 12.764/2012



Fonte: Coletivo Autista da UFRJ (2021-)

O CAUFRJ esclarece no texto da postagem: “A partir desta lei, o TEA passou a ser reconhecido como deficiência para todos os efeitos legais, garantindo aos autistas todos os

direitos previstos em outras leis para pessoas com deficiência [...]”.

Ainda em esclarecimento sobre o TEA, há *post* informando as principais comorbidades associadas, conforme a Figura 4.

Figura 4: *Post* sobre comorbidades no autismo



Fonte: Coletivo Autista da UFRJ (2021-)

Em relação às comorbidades associadas ao quadro de TEA, o CAUFRJ complementa essa postagem: “Informações equivocadas podem prejudicar o real problema da criança e adulto”, em reforço da importância de um diagnóstico preciso para um tratamento adequado, assim como sobre informações a respeito do autismo.

Também foi questionado aos participantes da pesquisa com TEA se possuíam algum outro quadro associado ao TEA. Dos 15 respondentes, 13 afirmaram que sim. Dentre estes, os quadros associados ao TEA que foram apontados são: Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), Depressão, Distímia, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), Dislexia, Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), Síndrome do pânico, Disfunção executiva e Altas Habilidades.

Em relação aos níveis de suporte do autismo, o CAUFRJ busca esclarecer o que significa estar no nível 1 de suporte, no qual se encontra a maioria das pessoas com TEA no Ensino Superior, sendo o caso de todos os participantes da pesquisa com TEA que já receberam o diagnóstico. A Figura 5 apresenta um *post* sobre isso.

Figura 5: *Post* sobre níveis de suporte do autismo



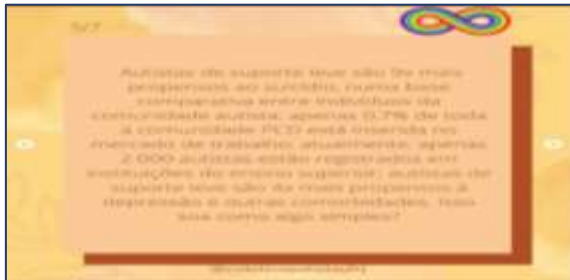
Fonte: Coletivo Autista da UFRJ (2021-)

Ainda sobre o nível de suporte 1 do autismo, o CAUFRJ discorre em postagem sobre “O peso do autismo leve”:

[...] O problema está em confundir ‘leve’ com ‘fácil’. Este mito dificulta o processo diagnóstico e até mesmo a compreensão em relação ao TEA: autistas são autistas, para todos os efeitos possíveis, e ser autista nunca é fácil. A diferença está, basicamente, na possibilidade, ou não, em desempenhar atividades de vida diária, na ausência ou não de prejuízos cognitivos ou na necessidade de apoio substancial. No entanto, os prejuízos na interação social, na comunicação, a propensão a hipo/hipersensibilidade sensorial, os movimentos repetitivos, os distúrbios do sono, a rigidez de pensamento, a disfunção executiva, o apego à rotina, as estereotipias e a constante presença de crises independem do nível de suporte.

Ainda sobre as dificuldades enfrentadas pelas pessoas com TEA que fazem parte do grupo considerado nível de suporte 1, o *post* apresentado na Figura 6 aprofunda essa questão.

Figura 6: Post sobre dificuldades do autismo leve



Fonte: Coletivo Autista da UFRJ (2021-)

Destaca-se o reforço dado pelo CAUFRJ sobre a necessidade e importância de esclarecimento acerca das dificuldades enfrentadas pelas pessoas com TEA, que são reais, apesar de estarem no nível 1 do espectro, mesmo que aos olhos das pessoas neurotípicas essas dificuldades possam parecer pequenas. Essa percepção pode levar a falas e visões capacitistas.

Acerca do capacitismo, O CAUFRJ indicado alguns estigmas associados às pessoas com TEA, como se pode observar na Figura 7.

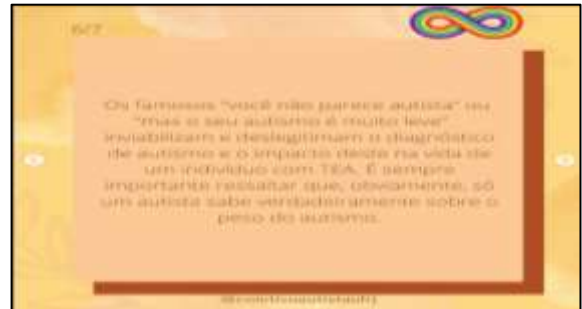
Figura 7: Post sobre os estigmas associados ao autismo



Fonte: Coletivo Autista da UFRJ (2021-)

Cabe também salientar a informação ilustrada na Figura 8, que indica os impactos que as pessoas com TEA enfrentam resultantes do capacitismo.

Figura 8: Post sobre o peso do autismo leve



Fonte: Coletivo Autista da UFRJ (2021-)

Ainda sobre a questão do capacitismo e o que ele causa nas pessoas com TEA, o CAUFRJ divulgou um *post* para comemorar o dia 18 de junho, definido o "Dia Mundial do Orgulho Autista". O texto ressalta: "Neste dia 18 de junho, nós dizemos que, apesar de termos passado a vida inteira sendo corrigidos, nós sentimos orgulho de ser quem nós somos." A Figura 9 ilustra outro texto desse mesmo *post*.

Figura 9: Post sobre o Dia Mundial do Orgulho Autista



Fonte: Coletivo Autista da UFRJ (2021-)

Foi solicitado aos participantes da pesquisa com TEA que exemplificassem atitudes capacitistas na Universidade que mais os afetavam. Seguem algumas respostas que ilustram as atitudes capacitistas mais apresentadas por esse grupo:

"As pessoas acharem ou pensarem, talvez por falta de informação, que eu posso levar uma vida igual a alguém que não tem autismo ou acharem que tudo o que eu deva fazer na vida, é por falta de força de vontade".

“[...] a que mais me afeta é quando nos trabalhos em grupo me colocam no grupo só depois de perceber que não estou em nenhum grupo, me deixavam de lado, tipo, se esqueciam de mim, e isso dói e muito”.

“Já presenciei alguns professores sendo capacitistas, dizendo, por exemplo, que alguns transtornos são frescura ou então que são somente uma justificativa para o estudante não precisar se esforçar”.

“Se você não tem um braço, ou uma perna, ou é cadeirante, todo mundo vê. Mas se você é autista ‘leve’, ou disléxico, por exemplo, e passou em vaga para ampla concorrência, sua ‘deficiência’ é invisível”.

“Uma vez um professor aplicou uma prova dizendo para descrever sucintamente sobre um determinado assunto. Eu descrevi sucintamente.

Fiquei com “C”. Fui perguntar a ele o que eu havia errado e ele me respondeu que eu não havia errado nada, mas que os outros alunos escreveram muito mais sobre o assunto. Como sou autista literal, sucintamente para mim é sucintamente. Se ele quisesse que eu escrevesse mais, poderia reformular a questão e retirar o sucintamente”.

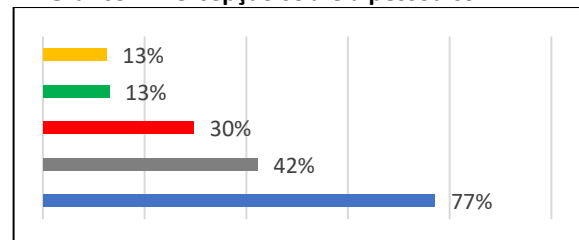
Esses exemplos mostram como o capacitismo, mesmo que possa parecer sutil, afeta a vida das pessoas com TEA de diversas formas, o que demonstra a importância da mediação de informação realizada pelo CAUFRJ como forma de combate à discriminação. Ao mesmo tempo, a informação e o diálogo possibilitam a conscientização pela comunidade acadêmica acerca do TEA e constroem a representatividade das pessoas autistas na UFRJ.

6.2 Percepção da Comunidade Acadêmica Acerca das Pessoas com TEA na Universidade

São apresentados aqui resultados a respeito da percepção da comunidade acadêmica sobre pessoas com TEA e possíveis impactos do CAUFRJ nessa comunidade. Cabe ressaltar que, apesar do pequeno percentual de respondentes, os resultados obtidos com a comunidade acadêmica nos fornecem alguns indícios a respeito da percepção que essa comunidade possui acerca do autismo. No entanto, pressupõe-se que as pessoas que responderam ao questionário possuem interesse pela temática, não somente do TEA mas de inclusão, de modo mais amplo.

Das 192 pessoas que responderam ao questionário, 81% não conheciam o CAUFRJ. Na intenção de verificar como as pessoas com TEA são vistas pela comunidade acadêmica da UFRJ, foi perguntado o que vinha à mente quando pensavam em uma pessoa que está dentro do espectro autista. Era possível marcar mais de uma opção. Os resultados dessa questão estão ilustrados no Gráfico 1.

Gráfico 1: Percepção sobre a pessoa com TEA



Legenda:

- Alguém com baixa inteligência ou deficiência intelectual.
- Alguém com inteligência normal.
- Alguém com inteligência acima do normal ou com altas habilidades/ superdotação.
- Alguém parecido com Sam Gardner da série "Atypical", Shaun Murphy de "Good Doctor" ou Sheldon Cooper de "The Big Bang Theory".
- Alguém que pode estar sentado ao meu lado agora mesmo e eu não perceber nenhum sinal.

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

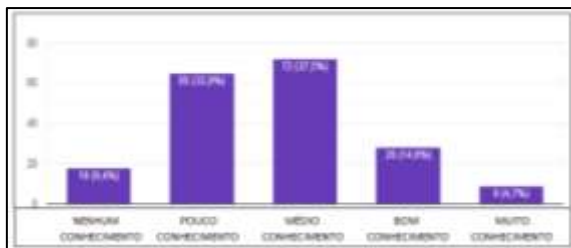
Pode-se perceber que a maioria dos respondentes não possui uma visão estigmatizada acerca das pessoas com TEA. Porém, chama a atenção o fato de que 59 pessoas escolheram ao mesmo tempo as duas últimas opções ("Alguém parecido com Sam Gardner da série..." e "Alguém que pode estar sentado ao meu lado..."), que apresentam uma

visão estereotipada e uma não estereotipada. Também ocorreram marcações simultâneas das opções “Alguém com baixa inteligência ou deficiência intelectual”, “Alguém com inteligência normal” e “Alguém com inteligência acima do normal ou com altas habilidades/superdotação”. Esses resultados parecem demonstrar uma ausência de entendimento acerca das pessoas com TEA, o que reforça a importância de informações sobre autismo.

Dos respondentes, 54% afirmaram não estudar ou trabalhar com alguém com TEA. Dentre as que convivem com pessoas com TEA em local de estudo e/ou trabalho, a maioria as considera bons colegas, mas 27 respondentes ressaltaram que são pessoas “cheias de manias e rituais”, oito consideraram que são “pessoas difíceis na sala de aula/ trabalho e seis respondentes afirmaram que são pessoas “estranhas”.

Acerca do grau de conhecimento sobre autismo, a maioria dos respondentes considerou seu conhecimento entre pouco e médio, conforme apresentado no Gráfico 2, o que mais uma vez reforça a importância de mais informações sobre TEA na Universidade.

Gráfico 2: Grau de conhecimento acerca do TEA

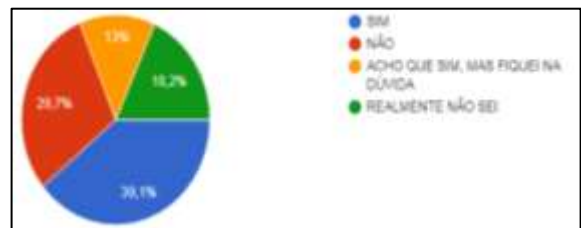


Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Sobre como os respondentes obtiveram conhecimento sobre TEA, a maioria informou ser por meio de informações via internet (50%) e através do convívio com pessoas com TEA (44%).

Sobre conhecerem alguém com TEA na UFRJ, a maioria dos respondentes informou que sim, sendo que 13% das pessoas acham que sim, mas não tem certeza. O Gráfico 3 apresenta o resultado dessa questão.

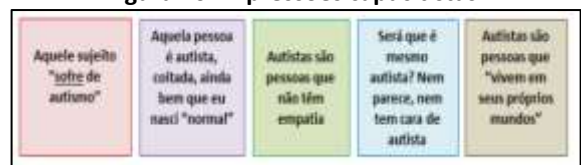
Gráfico 3: Pessoas com TEA na UFRJ



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

Com a intenção de verificar a questão do capacitismo no ambiente acadêmico, solicitamos que os participantes respondessem a seguinte pergunta: “Fazendo uma rápida reflexão, você poderia dizer se já pensou ou disse, a respeito das pessoas com TEA, alguma(s) das afirmações como as exemplificadas abaixo”. A Figura 10 ilustra as opções da questão.

Figura 10: Expressões capacitistas



Fonte: As autoras (2022).

Os resultados obtidos estão demonstrados no Gráfico 4.

Gráfico 4: Utilização das expressões capacitistas



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Nota-se que uma parcela considerável de respondentes já disse ou pensou frases capacitistas, o que pode muitas vezes acontecer por desconhecimento. Sobre o capacitismo e a importância da informação para combatê-lo na comunidade acadêmica, ressalta-se o comentário de um participante que compartilhar sua experiência:

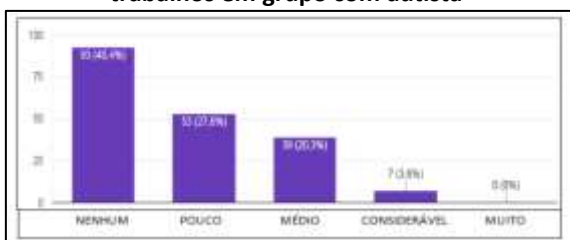
“Já falei e pensei coisas em relação às pessoas com TEA, mas quando era bem mais novo e não tinha nenhum conhecimento. Achava que era apenas

uma "pessoa doente". Porém, depois de adquirir um pouco de conhecimento e ler sobre o assunto, já entendi sobre, inclusive sobre capacitismo. Por isso toda iniciativa que levará conhecimento e reflexão é bastante importante para estarmos preparados a conviver com essas pessoas tratando elas com respeito e as deixando cada vez mais à vontade no convívio social".

Também foi perguntado aos participantes da pesquisa se concordavam que as pessoas com TEA podem ter mais dificuldade em permanecer na universidade e concluir o Ensino Superior. 52,6% dos respondentes disseram que concordam parcialmente, 34,4% responderam que concordam totalmente e 13% apontaram que não concordam. Foi possível perceber, em questão aberta, que os pesquisados atribuem essas dificuldades muito mais à falta de acessibilidade na universidade do que à incapacidade das pessoas com TEA.

Sobre desconforto/ dificuldade na realização de trabalhos em grupo com pessoas com TEA, a maioria dos respondentes considerou que não teria, conforme apresenta o Gráfico 5.

Gráfico 5: Desconforto/ dificuldade em realizar trabalhos em grupo com autista



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações do CAUFRJ estão relacionadas à participação e organização de eventos sobre TEA, ao estabelecimento de parcerias com organizações e docentes que atuam nessa área e em manter constante contato com a UFRJ. A mediação da informação realizada através de *posts* no Instagram aborda questões de relevância para comunidade com TEA, reunida

Os participantes da pesquisa também indicaram considerar importante que os docentes tenham conhecimento das especificidades dos seus alunos, tanto com TEA como com outras deficiências e com dificuldades de aprendizagem, a fim de melhorar as condições de ensino/aprendizagem: 91,1% afirmaram que esse conhecimento é muito importante e 6,8% disseram que é importante.

Ainda sobre esse ponto, questionados se o conhecimento dos docentes sobre a neurodiversidade poderia melhorar o desempenho acadêmico do aluno, 84,4% dos respondentes afirmaram que melhoraria muito, 10,4% disseram que melhoraria, 4,2% que melhoraria mais ou menos e apenas 1% considerou que melhoraria pouco ou muito pouco.

Ainda foi questionado à comunidade acadêmica se acreditavam que a iniciativa de criação de um Coletivo Autista na UFRJ era uma ação necessária, ao que 92,7% dos respondentes afirmaram que sim, 6,8% responderam que não tinham certeza e 0,5% das pessoas respondeu que não.

no Coletivo, que são importantes de serem compartilhadas e debatidas com a comunidade acadêmica, como: diagnóstico, informações básicas sobre TEA, principais dificuldades na Universidade e capacitismo.

A partir da mediação da informação, as pessoas com TEA na UFRJ, organizadas por meio do Coletivo, podem exercer representatividade

junto à comunidade acadêmica e a instâncias decisórias da UFRJ, o que os torna protagonistas do seu discurso e de suas histórias, tanto individuais como coletiva. O CAUFRJ ainda está em seu início, mas se pode perceber que está contribuindo para dar visibilidade aos autistas, além de colocar a temática do autismo em pauta.

No que se refere à percepção da comunidade acadêmica, se pôde perceber que os respondentes acreditam na importância da inclusão da PcD no Ensino Superior, assim como

na informação como forma de melhorar a convivência e diminuir a discriminação entre a comunidade acadêmica e as pessoas com TEA e com deficiência, de modo geral. Além disso, percebeu-se uma tendência a não estereotipização, mesmo que com pouco conhecimento acerca, especificamente, do TEA. Nota-se que há boa receptividade dentre as pessoas que responderam ao questionário em relação à diversidade na UFRJ e ao acesso a informações que melhorem essas condições, o que parece um bom sinal.

REFERÊNCIAS

- Agostini, N. (2018). Conscientização e educação: ação e reflexão que transformam o mundo. *Pro-Posições*, 29 (3), 187-206.
<https://doi.org/10.1590/1980-6248-2015-0105>.
- Almeida, M. S. P. & Barreto, L. P. S. J. (2014). Deficiência e universidade: um estudo sobre inclusão e superação através do tempo e alguns casos na Faculdade Sete de Setembro (FASETE). *Rios Eletrônica*, 8, 47-65.
https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2014/8/deficiencia_e_universidade_um_estudo_sobre_inclusao_e_superacao_atraves_do_tempo.pdf.
- Almeida Júnior, O. F. de, Beluzzo, R. C. B., & Santos, C. A. dos (2015). Ações educacionais de mediação da informação e da Competência em Informação (ColInfo) como fatores de interferência na realidade social [Encontro de Pesquisa em Informação e Mediação]. UNESP, Marília.
<http://gicio.marilia.unesp.br/index.php/IEPIM/IEPIM/paper/viewFile/33/43>.
- Almeida Júnior, O. F. de & Santos, C. A. dos (2019). Mediação, informação, competência em informação e criticidade. In: Farias, G. B. & Farias, M. G. G. (Orgs.). *Competência e mediação da informação: percepções dialógicas entre ambientes abertos e científicos*. São Paulo: Abecin. (pp. 96-111).
<https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/218/193>.
- Alvarenga, B. T. (2016). *Inclusão na universidade: concepções e ações na organização do ensino* [Dissertação de Mestrado]. Universidade Federal do Rio Grande.
<http://repositorio.furg.br/handle/1/8289>.
- Andrade, R. (2020, maio 15). Representatividade: o que isso significa? Politize!.
- Araújo, V. M. R. H. (1995). Sistemas de recuperação da informação: nova abordagem teórico conceitual. *Ciência de Informação*, 24 (1), 54-76.
http://www.ijsn.es.gov.br/ConteudoDigital/20180719_cienciadainformacao_v.24_n.1_1995_p.54_76_.pdf.
- Associação Brasileira de Normas Técnicas. (2020). ABNT NBR 9050: acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.
- Bardin, Laurence. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo. Edições 70.
- Barreto, A. A. (2002). Transferência da informação para o conhecimento. In:

- Aquino, M. A. (Org.). O campo da ciência da informação: gênese, conexões e especificidades. Editora Universitária. (pp. 49-57).
- Borko, H. (1968). Information science: what is it? *American Documentation*, 19 (1), 3-5. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2532327/mod_resource/content/1/Oque%C3%A9CI.pdf.
- Capelli, J. C. S., Souza, I. L., Vieira, U. P., Alvarez, A. B. & Paiva, R. S. (2021). A inclusão da pessoa com deficiência no ensino superior: trajetória de implantação da comissão permanente UFRJ-Macaé acessível e inclusiva. *Saúde em Redes*, 7 (2). <http://fi-admin.bvsalud.org/document/view/226yb>.
- Coletivo Autista da UFRJ. [@coletivoautistaufrj]. [Instagram]. <https://www.instagram.com/coletivoautistaufrj/>.
- Dias, A. (2013). Por uma genealogia do capacitismo: da eugenia estatal a narrativa capacitista social [Simpósio Internacional de estudos sobre a deficiência]. USP.
- Freire, P. (2021). A problematidade de algumas questões do fim do século XX. In: Freire, A. M. A. (Org.). *Cartas à Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis*. São Paulo. Paz e Terra. (pp. 279-294).
- Freire, P. (2020). *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro; São Paulo. Paz e Terra.
- Freire, P. (2019). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro; São Paulo. Paz e Terra.
- Gomes, H. F. (2017). Mediação da informação e protagonismo social: relações com vida ativa e ação comunicativa à luz de Hannah Arendt e Jürgen Habermas. In: Gomes, H. F. & Novo, H. F. (Orgs.). *Informação e protagonismo social*. Salvador: EDUFBA. (pp. 27-44). <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/33742/1/informacao-e-protagonismo-social-RI.pdf>
- Gomes, H. F. (2019). *Protagonismo social e mediação da informação*. *Filosofia da Informação*, 5 (2), 10-21. <http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644>.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2010). *Censo Demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf.
- Instituto Nacional de Estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira (2021). *Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2019*. https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_da_educacao_superior_2019.pdf.
- Instituto Nacional de Estudos e pesquisas educacionais Anísio Teixeira (2020). *Sinopse Estatística da Educação Superior 2019*. <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-da-educacao-superior/resultados>.
- Lalande, A. (1996). *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo. Martins Fontes.
- Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. (2012). Brasília. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm.
- Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015. (2015). Brasília. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm.
- Lei nº 13.409, de 28 de dezembro de 2016 (2016). Brasília. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Lei/L13409.htm.

- Marchesan, A. & Carpenedo, R. F. (2021). Capacitismo: entre a designação e a significação da pessoa com deficiência. *Trama*, 17 (40), 56-66. <https://saber.unioeste.br/index.php/trama/article/view/26199>.
- Medeiros, L. R., Moreira, V. S., Soares, M. G. & Marins, S. (2017). Representatividade em coletivos estudantis: análise com base nas relações estabelecidas no contexto universitário. *Revista de Ciências Humanas*, 17 (1), 160-181. <https://locus.ufv.br//handle/123456789/19860>.
- Mello, A. G. (2016). Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21 (10), 3265-3276. <https://doi.org/10.1590/1413-812320152110.07792016>.
- Mello, L. S. & Cabistani, L. G. (2019). Capacitismo e lugar de fala: repensando barreiras atitudinais. *Revista da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul*, (23) 118–139. <https://revista.defensoria.rs.def.br/defensoria/article/view/112>.
- Instituto Inclusão Brasil. (2021, dez. 5). Neurotípico e neurodiversidade. <https://institutoinclusaobrasil.com.br/neurotipico-e-neurodiversidade/>.
- Oliveira, M. S., Melo, S. C. & Silva, M. C. L. (2020). O acesso de estudantes com deficiência no Ensino Superior e sua relação com o projeto de sociedade existente. *Revista Práxis Educacional*, 16 (41), 167-183. <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/7258/5091>.
- Perez, O. C. (2019). Relações entre coletivos com as Jornadas de Junho. *Opinião Pública*, 25 (3), 577-596. <https://doi.org/10.1590/1807-01912019253577>.
- Perez, O. C. & Silva Filho, A. L. A. (2018). Coletivos: um balanço da literatura sobre as novas formas de mobilização da sociedade civil. *Latitude*, 11 (1), 255-294. <https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/2812>.
- Perrotti, E. (2017). Sobre informação e protagonismo cultural. In: Gomes, H. F. & Novo, H.F. (Orgs.). *Informação e protagonismo social*. Saçvador: EDUFBA. (pp. 11-26).
- Pieruccini, I. (2007). *Ordem informacional dialógica: mediação como apropriação da informação [Encontro Nacional de pesquisa em Ciência da Informação]*. UFBA. <http://www.enancib.ppgci.ufba.br/artigos/GT3--159.pdf>.
- Pinto, B. P., Maciel, M. C. R., Silva, P. O. & Silva, M. R. F. (2021). Desafios enfrentados no processo de inclusão de indivíduos com transtorno do espectro autista no âmbito universitário. *Research, Society and Development*, 10 (4), 1-10. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/14189/12720>.
- Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (2021). Representatividade. In: Priberam Informática. <https://dicionario.priberam.org/representatividade>.
- Santos, R. R., Duarte, E. N. & Lima, I. F. (2014). O papel do bibliotecário como mediador da informação no processo de inclusão social e digital. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, 10 (1), 36-53. <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/279/289>.
- Santos, R. N. R., Lima, G. B. & Freire, I. M. (2019). Interfaces sociais da Ciência da Informação: competência em informação por pessoas LGBTI+. In Farias, G. B. & Farias, M. G. G. (Org.). *Competência e mediação da informação: percepções dialógicas entre ambientes*

- abertos e científicos. (pp. 130-143). Abecin.
<https://portal.abecin.org.br/editora/article/view/218/193>.
- Santos, R. N. R., Targino, M. G. & Freire, I. M. (2017). A temática diversidade sexual na Ciência da Informação: a perspectiva da responsabilidade social. *Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação*, 4(1), 114-135.
https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/30216/1/2017_art_rnrsantos.pdf.
- Silva, A. F. L. & Silva, G. M. B. (2019). Falando a voz dos nossos desejos: os sentidos da representatividade e do lugar de fala na ação política das mulheres negras. *Revista Eletrônica Interações Sociais*, 3 (1), 42-56.
<https://periodicos.furg.br/reis/article/view/9156>.
- Silva, K. C. (2016). Condições de acessibilidade na universidade: o ponto de vista de estudantes com deficiência [Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual Paulista.
https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/138845/silva_kc_me_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y.
- Silva, S. C., Schneider, D. R., Kaszubowski, E. & Nuernberg, A. H. (2020). Estudantes com transtorno do espectro autista no ensino superior: analisando dados do INEP. *Psicologia Escolar e Educacional*, 24, 1-9.
<https://doi.org/10.1590/2175-35392020217618>.
- Souza, I. M. G., Cohen, R., Carreira, P. L. C., Dias, A. F. S. & Houzel, J. C. (2015). A inclusão no ensino superior: implantação de políticas de acessibilidade na Universidade Federal do Rio de Janeiro.
https://acessibilidade.ufrj.br/wp-content/uploads/2017/04/SouzaCohenCarreiraDiasHouzel2016CINTEDI_InclusaoEnsinoSuperiorImplantacaoPoliticPublicasUFR-1.pdf
- Unesco (2005). Orientações para a Inclusão: garantindo o acesso à educação para todos.
https://apcrsi.pt/dossiers_old/inclusao/orientacoes_para_a_inclusao_unesco.pdf.
- World Health Organization (2021). ICD-11 for mortality and morbidity statistics. Geneva: WHO.
<https://icd.who.int/browse11/l-m/en#/http%3a%2f%2fid.who.int%2fid%2fentity%2f437815624>.

NOTAS

¹ Ressaltamos que a nomenclatura “Síndrome de Asperger” (associada às pessoas consideradas autistas de nível 1 de suporte) não é mais utilizada. Esse termo constava no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais da Associação Psiquiátrica Americana (DSM-IV) e na Classificação Internacional de Doenças (CID10), mas foi removido nas novas versões, DSM-V e CID11.

² São chamados de neurotípicos os indivíduos que não apresentam diferenças neurológicas como autismo, dislexia, dispraxia, TDAH, síndrome de Tourette, entre outros (Instituto Inclusão Brasil, 2021).

³ Neurodiversidade é um termo que diz respeito “[...] a uma categoria maior de pessoas com diferenças neurológicas variáveis, bem como pessoas neurotípicas. Muitas pessoas se identificam como neurodiversos [...]”. Assim, a neurodiversidade pode incluir pessoas com autismo, TDAH, depressão, dificuldades intelectuais, esquizofrenia, entre outros (Instituto Inclusão Brasil, 2021).

⁴ Não foi possível incorporar os funcionários terceirizados na pesquisa, pela dificuldade em conseguir contato por e-mail e mídias sociais.